

O voluntariado educativo como estratégia de aprendizagem da cidadania: limites e possibilidades

Priscila Malaquias Alves Lopes – graduada em psicologia pela UFSJ
Raphael Lawrence Rocha – graduando em psicologia pela UFSJ
André Rezende Morais – graduando em psicologia pela UFSJ
Diego de Souza Carrara – graduando em psicologia pela UFSJ
Heron Laiber Bonadiman – mestrando em Educação pela UFSJ e Professor do Unilavras.

Endereço eletrônico: heronbonadiman@gmail.com

1. Introdução

O desenvolvimento do voluntariado educativo, como proposta de ação solidária, está de acordo com o papel da escola na educação para a cidadania e para a solidariedade. O objetivo do presente artigo é descrever e analisar a participação de alunos do ensino médio de uma escola da rede privada de ensino na prática do voluntariado educativo, desenvolvido numa creche comunitária.

O voluntariado educativo ocorre a partir do planejamento de atividades solidárias a serem desempenhadas pelos alunos em diferentes instituições ou comunidades. A solidariedade será, portanto, experimentada e vivenciada através do voluntariado. Bavaresco (2003) fala de uma solidariedade baseada na necessidade do homem de participar da construção de uma nova realidade social e buscar o bem comum. Segundo a autora, o voluntariado estaria alicerçado sobre esta solidariedade.

O voluntariado vem se fortalecendo como essa prática voltada para a transformação da realidade, sendo adotado como exercício de uma cidadania ativa, superando, assim, o caráter religioso e assistencialista que marcou o seu surgimento no Brasil. Desse modo, o voluntariado educativo possui um novo modelo: é uma proposta com capacidade para realizar transformações sociais, mas também contribuir para a formação integral do aluno voluntário, conforme defendido pelos autores encontrados na literatura sobre o tema. Essa contribuição se dá graças ao planejamento das atividades solidárias de modo articulado ao currículo escolar, criando oportunidades dos alunos contextualizarem os saberes disciplinares, aprenderem valores, desenvolverem suas potencialidades.

Sendo assim, o voluntariado educativo está de acordo com uma educação escolar que não está voltada apenas para a transmissão de saberes disciplinares. Cabe também à escola, como afirma Perrenoud (2005), desenvolver a educação para a cidadania e para a solidariedade, a qual será alcançada a partir da construção de competências necessárias para a mobilização dos saberes na compreensão e modificação da realidade. O voluntariado educativo pode ser considerado uma das formas de criar espaços para essa mobilização dos saberes.

Nessa direção, analisaremos neste artigo a prática do voluntariado educativo realizada por alunos do ensino médio de uma escola privada numa creche comunitária, enfatizando o papel das oficinas preparatórias nesta prática. A descrição das atividades desenvolvidas será acompanhada de uma análise crítica.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 O voluntariado

Ao realizar um apanhado histórico do voluntariado, Bavaresco (2003) lembra a existência dessa prática, inicialmente, nas obras desempenhadas pela Igreja Católica e pela Igreja Evangélica de confissão luterana, baseadas na caridade e no sentimento de compaixão com os excluídos, aqueles que não tinham acesso a melhores condições de vida. Posteriormente, afirma a autora, instituições da sociedade civil como a Cruz Vermelha e algumas Organizações Não-Governamentais – ONGs adotaram essa prática, demonstrando comprometimento com a busca de uma sociedade mais igualitária, justa e solidária.

Assim, a prática do voluntariado manteve-se, e ainda se mantém, frente a uma realidade marcada pela injustiça social. Como afirma Bavaresco (2003), uma realidade que tem o antagonismo como característica.

Se o desenvolvimento científico e tecnológico disponibilizou ao ser humano inúmeros benefícios, também foi capaz de levá-lo a ter que se defrontar com o abismo gerado entre aqueles que podem usufruir desses benefícios e aqueles que somente contribuem com sua força de produção ou, simplesmente, sofrem o impacto da exclusão numa relação iminentemente perversa e aviltante à dignidade humana (BAVARESCO, 2003, p.16).

A autora coloca que, mesmo vivendo em condições tão adversas, o homem procura, em seu grupo social, formas de agregação e de ajuda para superar tal antagonismo. Aqui parece situar-se o voluntariado, como prática baseada na solidariedade.

Segundo Bavaresco (2003), a cultura é um elemento essencial que deve ser considerado ao se pensar toda ação dos grupos sociais de determinada sociedade. “Como seres de cultura, construímos conhecimento da e para a realidade social em que estamos inseridos. As repercussões se darão nos diferentes segmentos da sociedade, podendo gerar situações de desconforto frente a uma nova realidade.” (p.19).

A autora lembra o surgimento de movimentos sociais frente à exclusão e ao agravamento das condições de trabalho, da remuneração salarial, do desemprego e da crise social, provocados pelas exigências do mercado. São movimentos sociais que “buscam uma nova ordem, realizar a ruptura do que é considerado como consolidado, com o intuito de objetivar o bem comum.” (BAVARESCO, 2003, p.21).

Bavaresco (2003) afirma que, vivendo em sociedade, o homem se assume como construtor da sua história e também, da história da humanidade. Uma vez inseridos numa mesma sociedade, os homens dão-se a conhecer, num movimento em que conhecendo o outro estão conhecendo a si mesmos. Ao mesmo tempo, cada um mostra sua singularidade através da ação. O que vai estabelecer a ligação entre os homens será o objeto para o qual estão direcionados os seus objetivos. Nesse momento, “o ‘eu’ passa a ser ‘nós’ na identificação de objetivos comuns voltados para um mesmo objeto.” (p.58).

Dessa forma, o voluntariado pode ser entendido como uma ação baseada na solidariedade e proveniente da necessidade do homem de participação social ativa, na busca da realização de objetivos comuns, de resgate da dignidade humana.

Bavaresco (2003) acrescenta que a solidariedade, assim entendida, se utilizará do conhecimento científico e tecnológico. De posse deste, o grupo social realizará sua aplicação prática, numa nova construção do saber em que este conhecimento incorpora-se ao conhecimento popular para a construção de uma nova realidade.

2.2 Contextualizando o Voluntariado Educativo

Diversos autores estão de acordo quanto à influência dos movimentos religiosos na prática do voluntariado no Brasil. Segundo Goldberg (2001), essa prática parece remontar ao período colonial, com atividades impulsionadas pela fé católica junto às Santas Casas de Misericórdia, especialmente a de São Vicente, considerada a primeira ONG do Brasil.

Goldberg (2001) afirma que, atualmente, os movimentos religiosos continuam exercendo forte influência no costume do brasileiro de exercer o voluntariado e isso não se limita ao sentimento de compaixão próprio do catolicismo. A autora lembra também da Igreja Evangélica, que entende a ajuda à comunidade como um serviço a Deus, uma missão individual.

Mas essa situação começou a apresentar os primeiros sinais de mudança, verificados pelo surgimento de

[...] novos valores no costume de exercer o voluntariado no Brasil, muito além dos propósitos de caridade, amor ao próximo, solidariedade. São valores de cidadania, participação social transformadora e de sociabilidade, que surgem em sintonia com uma sociedade mais informada e participativa do que em qualquer outro momento da história (GOLDBERG, 2001, p.23).

Vilella e Cruz (2004) também discorrem sobre a mudança ocorrida no exercício do voluntariado, caracterizando o voluntariado atual como uma prática baseada em valores de participação e solidariedade de cada cidadão “preocupado em promover a cidadania, formas de inclusão social e a construção de uma sociedade mais justa, responsável e solidária, visando a transformação da comunidade.” (p.202).

Segundo as autoras, a preocupação da sociedade em assumir a sua parcela de responsabilidade social ganhou êxito a partir do processo de democratização, vivido pelo Brasil nos anos 80, que trouxe visibilidade aos problemas sociais do país e a constatação de que o Estado como único provedor, não existia.

O processo de democratização brasileiro também incitou a discussão sobre a educação escolar e a sua valorização pela sociedade. A Constituição brasileira de 1988, então, reconheceu a educação como direito de todos e como dever do Estado, da família e da sociedade. Mais tarde, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determinou que a educação escolar deve estar ligada ao mundo do trabalho e à prática social. A LDB recomenda que a educação deve ser baseada na liberdade e na solidariedade, tendo como metas o pleno desenvolvimento humano, e o preparo para o exercício da cidadania e para o trabalho (VILELLA e CRUZ, 2004).

Nesse contexto marcado pela valorização e ampliação do conceito de educação e por um novo padrão na prática do voluntariado, ganha espaço a proposta do Voluntariado Educativo, com destaque para a fundação, em 2001, do Instituto Faça Parte – uma organização da sociedade civil que se propõe a consolidar a cultura do voluntariado, atuando na promoção do Voluntariado Educativo.

2.3 O Voluntariado Educativo

O desenvolvimento do voluntariado educativo na escola, como proposta de ação solidária, está em consonância com o papel desta instituição na educação para a cidadania que, por sua vez, está ligada à educação para a solidariedade. Nesse sentido, Perrenoud (2005, p.16) afirma que “a solidariedade é um componente da cidadania”,

ressaltando que “aquele que não se sente tocado pelo que acontece com os outros não tem nenhum motivo para desenvolver seus saberes e competências cívicas.”

A educação para a cidadania não é tarefa fácil e não será alcançada com a introdução na grade curricular de algumas horas semanais de lições de moral e apelo aos bons sentimentos, e com o aumento dos conselhos de classe, dos espaços de participação e discussão na escola. É preciso “vincular mais estreitamente a educação para a cidadania e para a solidariedade à construção de saberes e de competências.” (PERRENOUD, 2005, p.82).

Perrenoud (2005) considera que, embora não sejam garantias da solidariedade, algumas competências são as chaves dela. Saber analisar e assumir a complexidade do mundo e da sociedade é uma dessas competências que, por sua vez, exige saberes políticos, econômicos, sociais e culturais.

Saber analisar e assumir a complexidade parece-me uma competência essencial, pois algumas disfunções do vínculo social e das relações sociais estão ligadas ao medo, ao retraimento, ao endurecimento diante de um mundo que perturba, inquieta, amedronta uma parte de nossos contemporâneos quando não conseguem mais compreender o que se passa e sentem-se como engrenagens de mecanismos opacos, particularmente aqueles que os lançam no desemprego ou na precariedade (PERRENOUD, 2005, p.82).

O autor destaca duas outras competências, que estariam interligadas entre si: saber cooperar e conviver, e saber viver as diferenças e os conflitos. Para que ocorra a aprendizagem dessas competências, é preciso trabalhar sobre problemas concretos, indo além do discurso e de boas intenções (PERRENOUD, 2005).

Para o exercício lúcido e responsável da cidadania, portanto, deve-se aprender a utilizar os saberes para enfrentar a complexidade do mundo e tomar decisões, para superar as contradições vividas diariamente, para compreender e resolver problemas individuais e coletivos. Os saberes escolares são condições para o exercício da cidadania, mas é preciso ir além da sua assimilação, operando também sua mobilização e sua contextualização (PERRENOUD, 2005).

Assim entendido o papel da escola na educação para a cidadania e para a solidariedade, torna-se possível compreender como o voluntariado tem encontrado espaço para manifestar-se no âmbito escolar.

O voluntariado educativo, por meio de atividades solidárias planejadas de acordo com a proposta pedagógica da escola, pode ser bastante eficaz para dar significado aos conteúdos curriculares e para a aprendizagem de valores por parte dos alunos (MORI e VAZ, 2006).

Vilella e Cruz (2004) parecem estar de acordo com esta afirmação ao destacarem que cada vez mais professores descobrem no voluntariado educativo um incentivo para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o mesmo enriquece o trabalho em sala de aula ao trazer elementos para a discussão de temas transversais e para o uso da metodologia de projetos. Pode-se acrescentar que, dessa forma, as escolas estariam indo além da transmissão de conteúdos disciplinares.

Segundo as autoras, sem deslocar a escola da função fundamental de construção do conhecimento, o voluntariado educativo também estimula o exercício da cidadania, preparando o jovem para a participação política e social. Por sua vez, “o conhecimento escolar passa a ser valorizado pelo estudante e pela comunidade, reforçando o papel primordial da escola.” (VILELLA e CRUZ, 2004, p.206).

Sberga (2002, p.9) assim define o voluntariado educativo:

É um voluntariado de ação e reflexão, um espaço de educação sociopolítica, que ajuda no desenvolvimento do senso crítico, na conscientização sobre os direitos humanos e sociais, no respeito às diferenças culturais e no testemunho e vivência da solidariedade. A preocupação central não é tanto o serviço a ser prestado, mas a formação e a qualificação do jovem enquanto desempenha sua atividade de voluntário.

O voluntariado educativo, portanto, seria uma proposta de formação integral dos jovens pois possibilita aos mesmos experienciar a participação social e envolverem-se com a solução de problemas reais, o que contribui para a formação de cidadãos ativos, promove a aprendizagem dos conteúdos curriculares de modo contextualizado, favorece o amadurecimento da personalidade e o desenvolvimento de potencialidades individuais.

Em relação aos serviços sociais prestados, vale ressaltar que devem buscar a criação de espaços de promoção social com soluções que proporcionem o desenvolvimento auto-sustentável da comunidade atendida, diferenciando-se, assim, das tradicionais práticas de caráter assistencialista (MORI e VAZ, 2006).

Ao aderir à proposta do voluntariado educativo, cada escola deve formular seus próprios projetos. Mori e Vaz (2006) apresentam algumas etapas de um projeto de voluntariado educativo, mas alertam para o fato de que não existe uma metodologia específica, cabendo à escola planejá-lo de acordo com a sua proposta pedagógica, com seus objetivos, com a área de atuação e com a realidade local.

Os autores afirmam que o movimento inicial para elaborar um projeto de voluntariado educativo pode ocorrer por diferentes motivos, entre eles, a necessidade de organizar atividades que tenham sido iniciadas de maneira informal e desordenada, ou a indignação frente à determinada situação. A partir desse movimento inicial, deve-se realizar o diagnóstico da realidade local, levando em consideração a opinião e as reais necessidades da comunidade. Esse processo de diagnóstico participativo permite identificar possíveis vias de ação, o tempo de execução do projeto, os recursos humanos e materiais necessários (MORI e VAZ, 2006).

Estes dados identificados devem estar presentes na proposta de trabalho a ser elaborada, em que também serão apresentados a justificativa do projeto, seus objetivos, custos, seus responsáveis e os destinatários dos serviços a serem prestados. Os projetos de voluntariado educativo podem considerar diferentes públicos, como crianças, jovens, idosos e comunidade em geral, bem como contemplar diversas áreas de atuação, como meio ambiente, educação, esporte, cultura e saúde (MORI e VAZ, 2006).

Mori e Vaz (2006) destacam a reflexão como um procedimento essencial durante todo o projeto para que as ações, os objetivos, as etapas e os resultados sejam constantemente avaliados pelo grupo. Os autores afirmam que a reflexão também possibilita a apropriação dos aprendizados e do sentido da participação social. Cabe acrescentar que esse exercício de reflexão pode ser coletivo, tal como proposto pelos autores, mas levando em consideração que o processo de conscientização, por sua vez, é individual.

Os autores também enfatizam outras etapas de um projeto de voluntariado educativo, como o registro das atividades realizadas para posterior divulgação, análise e reedição da experiência; e o reconhecimento e comemoração das ações de voluntariado como formas de promover o comprometimento.

3. Metodologia

Foi proposta a participação de alunos do ensino médio de uma escola da rede privada de ensino na prática do voluntariado educativo, desenvolvido numa creche comunitária, a qual foi inaugurada em 1999 e busca oferecer assistência social, educacional e humana às crianças atendidas, que são membros de famílias carentes. A escola em questão integra a Rede Salesiana de Escolas (RSE) e está localizada na cidade de São João del Rei, MG. A educação salesiana inspira-se em valores cristãos e a escola busca configurar-se como um espaço privilegiado de ação e reflexão, de solidariedade e respeito às diferenças, e de formação integral do ser humano, tal como proposto pelo Marco Referencial do Projeto Pedagógico da RSE (2005).

Foram realizadas oficinas preparatórias, planejadas e executadas por estagiários do curso de Psicologia, visando capacitar os alunos para a prática do voluntariado educativo na creche. Foram abordados conteúdos sobre a história social da criança, o desenvolvimento infantil, a importância do lúdico e o papel educador da creche. Também foi apresentado um panorama histórico da creche em questão e foi realizada uma visita ao local, a fim de que os voluntários conhecessem o espaço em que realizariam as atividades.

Nas oficinas preparatórias, também foram trabalhados valores e atitudes importantes para a prática do voluntariado educativo e foram incentivadas a discussão e a participação dos alunos, a fim de que as atividades fossem construídas coletivamente e cada um tivesse conhecimento de seu papel, soubesse como participar e se sentisse motivado. Foi desenvolvido um total de seis oficinas preparatórias, que tiveram duração aproximada de duas horas cada uma.

Durante o trabalho na creche, foram observados as intervenções dos alunos nas situações-problema colocadas e os relatos emitidos sobre as experiências desenvolvidas.

4. Resultados

4.1 A experiência nas oficinas preparatórias

A primeira oficina teve o objetivo de acolher e integrar os participantes, levantar expectativas e receios do grupo, apresentar e discutir o tema voluntariado educativo. Através de uma dinâmica, buscou-se favorecer a cooperação e o trabalho em situações de limites, com posterior discussão sobre a importância de saber lidar com as regras da instituição e com sua pouca disponibilidade de recursos.

Na segunda oficina foram apresentados: a história social da infância e o surgimento da creche, destacando o papel educador da última. Também foi realizada uma dinâmica com o objetivo de facilitar o trabalho em equipe, o alcance de metas, e o planejamento de ações, considerando que os alunos seriam os principais responsáveis pela elaboração das atividades a serem desenvolvidas durante a prática do voluntariado educativo.

A oficina seguinte iniciou-se com a apresentação de um panorama histórico da creche escolhida para a prática do voluntariado. Em seguida, discutiu-se sobre o desenvolvimento infantil, apresentando informações que seriam importantes para a etapa de construção das atividades de acordo com a faixa etária das crianças atendidas, e para facilitar a interação entre os alunos voluntários e as crianças. Através de uma dinâmica, buscou-se incentivar a criatividade e trabalhar diferenças pessoais, relacionando estes temas ao contexto da creche, onde os alunos teriam contato com situações e pessoas distintas das presentes em seu dia-a-dia.

Na quarta oficina discutiu-se sobre a importância do brincar e os alunos foram convidados a reviver sua infância, recordando jogos e brincadeiras, como uma forma de aproximá-los do mundo lúdico infantil.

No quinto encontro foi realizada uma visita à creche, promovendo o contato inicial dos alunos voluntários com a instituição e com as crianças. Na última oficina foi aberto um espaço para discussão e elaboração de atividades a serem desenvolvidas com as crianças na creche.

4.2 O trabalho desenvolvido na creche

Encerradas as oficinas preparatórias, os alunos iniciaram a prática do voluntariado educativo, acompanhando as monitoras e professoras da creche em atividades desenvolvidas com as crianças. Os estagiários de Psicologia realizaram outros encontros com os alunos voluntários a fim avaliar as ações desenvolvidas, esclarecer dúvidas e elaborar novas atividades a serem realizadas com as crianças.

Nos encontros de avaliação, todas as representações relativas a um voluntariado assistencialista foram problematizadas perante o grupo. Em termos de prática, mesmo que a instituição creche solicitasse “ajudas” relativas ao cotidiano de trabalho e mesmo que o auxílio à atividade fosse realizado, foi possível identificar uma modificação no modo de agir perante demandas da creche.

Sendo o voluntariado algo contraditório, na medida em que pode contribuir para a perpetuação de situações de exclusão, há outra face que se mostra rica no aprendizado da solidariedade, conforme aponta Perrenoud (2005).

5. Conclusão

O voluntariado educativo configura-se como uma proposta de caráter formativo ao colocar os jovens como protagonistas de ações solidárias, criando oportunidades de transformação social, bem como de formação e qualificação desses jovens. As atividades desenvolvidas mostraram o voluntariado educativo como um espaço fecundo para práticas que possibilitam uma participação ativa na sociedade, ao mesmo tempo em que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem, oferecem ao aluno a possibilidade de se constituir enquanto um agente eficaz na construção de sua identidade e na convivência com as diferenças.

Os alunos voluntários consideraram que a experiência foi positiva, relatando satisfação com a possibilidade de ser solidário, de descobrir e desenvolver potencialidades individuais, e de conviver com diferenças econômicas e culturais. Assim sendo, o voluntariado educativo favoreceu o desenvolvimento de uma educação voltada para o pleno desenvolvimento humano e para o exercício da cidadania.

A adoção do voluntariado educativo pela escola em questão está de acordo com seus valores cristãos e sua preocupação com a formação integral do ser humano. Considerando que o voluntariado pode ou não ser uma prática de caráter exclusivamente religioso e assistencialista, o olhar único dos alunos pode ser uma limitação deste trabalho. Mas as observações apontaram para um desenvolvimento da cidadania e da solidariedade, de tal forma que o voluntariado pode ser visto como necessário ao projeto pedagógico da escola.

Como apontado por Perrenoud (2005), percebemos que a educação para a cidadania não será alcançada com a introdução de algumas horas de lições de moral e apelo aos bons sentimentos na grade curricular, e com o aumento dos espaços de

discussão na escola. É preciso, de outro modo, estreitar os laços da educação para a cidadania e para a solidariedade à construção de saberes e de competências.

Assim entendida a educação escolar e discutida a importância do voluntariado educativo para o desenvolvimento da cidadania e da solidariedade, o voluntariado se configura como uma possibilidade educativa à escola no cumprimento de seu papel.

6. Referências Bibliográficas

BAVARESCO, R. M. S. *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

GOLDBERG, R. *Como as empresas podem implementar programas de voluntariado*. São Paulo: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, 2001.

MORI, K. G.; VAZ, M. *Voluntariado Educativo – Uma Tecnologia Social*. São Paulo: Instituto Faça Parte, 2006.

PERRENOUD, P. *Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PROJETO PEDAGÓGICO: Marco Referencial. Brasília: Salesiana, 2005.

SBERGA, A. A. *Voluntariado Educativo*. [S. l.]: Fundação EDUCAR DPaschoal; Instituto Faça Parte - Brasil Voluntário, [2002?].

VILELLA, M.; CRUZ, N. Voluntariado Educativo: primeiros passos para a cidadania. In: PINSKY, J.; CÂNDIDO, M. C. F. *Práticas de cidadania*. São Paulo: Contexto, 2004. p.201-210.